

LAZER E TURISMO: NOVAS CENTRALIDADES DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Luzia Neide Coriolano¹

Universidade Estadual do Ceará
Ceará – Brasil

Fábio Perdigão Vasconcelos²

Universidade Estadual do Ceará
Ceará – Brasil

RESUMO: O texto põe em evidência transformações da sociedade contemporânea, pós-moderna e flexível, em relação ao ócio, lazer e turismo. Mostra o ócio na Antiguidade como necessidade humana, realizado livremente intercalado ao trabalho, como atividade pessoal, criativa, voluntária, libertadora, essencial à realização do ser humano e, como a sociedade industrial, ao tornar o trabalho referência, cria o tempo livre e o lazer para recuperação da força de trabalho. A sociedade capitalista torna o trabalho alienação, forma de acumulação e exploração da força de trabalho, e transmuta ócio em lazer, turismo e consumo. Nega o ócio, transformando-o em negócio. Aborda a sociedade flexível que em meio aos serviços torna o lazer e turismo novas centralidades e apresenta dois eixos do turismo: o convencional e o comunitário mostrando contrapontos. O texto apresenta o lazer e o turismo humanizados na ótica de Milton Santos, em seguida, estabelece paralelo entre o turismo convencional e o turismo comunitário, pelo estudo de comunidades tradicionais. Analisa sujeitos sociais frente ao turismo, como o Estado que se contenta em normatizar e oferecer infraestrutura, empresas que são cobradas na responsabilidade social e ambiental e as comunidades que inventam forma alternativa de fazer turismo.

Palavras-chave: Ócio. Lazer. Turismo. Comunidades. Centralidades. Sociedade flexível.

LEISURE AND TOURISM: NEW CENTRALITIES OF CONTEMPORARY SOCIETY

ABSTRACT: This article detaches transformations occurred on contemporary Society, postmodern and flexible in relation to leisure and tourism. It displays leisure in centuries ago as human necessity, realized freely intercalary with labor, as personal activity, creative, volunteer, liberator, fundamental to human realization and as industrial society turning work in a reference creates free time and leisure to recover working force. Capitalist society turns work into alienation, it makes a way of accumulation and exploration of working force and turns leisure into tourism and consumption. It denies leisure transforming it in business. Approaches flexible society that, among services, turns leisure and tourism into new centralities and presents two

¹ Profª Drª. em Geografia, Sub Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Coordenadora do Laboratório de Estudos do Turismo e Território - NETTUR, Pesquisadora CNPq. E-mail: luzianeidecoriolano@gmail.com

² Prof. Dr. do Programa de Pós Graduação em Geografia, Coordenador do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: fabioperdigão@gmail.com

axes of tourism: the conventional one and the community showing the counterpoints. The text presents leisure and tourism humanized on Milton Santos' perspective, hence establishes a parallel between conventional and community tourism, based on the study of traditional communities. It analyzes social individuals facing tourism, as the State that is satisfied in standardize and offer infrastructure, the enterprises that are charged on social and environmental responsibility and the communities that create a new alternative on making tourism.

Keywords: Leisure. Tourism. Communities. Centralities. Flexible Society.

OCIO Y TURISMO: NUEVAS CENTRALIDADES DE LA SOCIEDAD CONTEMPORÁNEA

RESUMEN: El texto destaca las transformaciones que ocurren en la sociedad contemporánea, postmoderna y flexible en relación con el ocio, recreo y turismo. Muestra el ocio en la Antigüedad como la necesidad humana, realizado libremente intercalado con el trabajo, como actividad personal, creativo, voluntaria, liberadora, para la realización del ser humano y como la sociedad industrial haciendo el trabajo referencia crea el tiempo libre y el recreo para la recuperación de fuerza de trabajo. La sociedad capitalista hace el trabajo alienación, forma de acumulación y explotación de la fuerza de trabajo, y transmuta el ocio en recreo, turismo y consumo. Niega el ocio, convirtiéndolo en negocio. Direcciones de la sociedad flexible en medio de los servicios hace el recreo y turismo los nuevos centros y presenta dos ejes del turismo: lo convencional y el comunitario revelando los contrapuntos. El texto presenta el recreo y el turismo en la perspectiva humanizada de Milton Santos, la continuación, establece un paralelismo entre el turismo convencional y el turismo comunitario, a partir del estudio de las comunidades tradicionales. Analiza personas sociales frente del turismo, como el Estado es el contenido de estandarizar y proporcionar la infraestructura, las empresas están cobradas en la responsabilidad social y ambiental y las comunidades que conforman una forma alternativa de turismo.

Palabras-clave: Placer. Recreación. Turismo. Las comunidades. Las centralidades. Sociedad flexible.

Introdução

Trabalho é paradigma da sociedade industrial e lazer o protótipo da sociedade flexível, embora nem todos possam admitir, por ser assertiva vinculada à visão de mundo e de sociedade. Ócio é a forma mais elevada de atividade humana: proporciona enlevo ou encantamento, tocando o espírito. Até a Idade Média, trabalhar era feio e deprimente, atividade apenas de escravo, servo ou cidadão de segunda classe. O trabalho, castigo para escravos, passa a privilégio. Ele que permite produção e acumulação da fabulosa riqueza dos países. Por sua causa dá-se importância ao não trabalho, ao tempo livre, lazer e turismo. É a modernidade que converte o significado, sendo feio e vexatório não trabalhar. O trabalho feito referência fundamental, justificado como necessidade básica e contribuição à realização humana, faz crer dignificar o homem. O fato é que dignifica e embrutece, realidade complexa e contraditória. Trabalho, ócio, entretenimento, contemplação, canto, ações lúdicas, criativas e subjetivas se intercalam na vida das

peças, e isso só permanece em comunidades que vivem fora do padrão industrial, produzindo atividades pré-capitalistas. A modernidade industrial tenta acabar o padrão lento.

Ócio é necessidade humana fundamental, faz parte da vida de todos, sem distinção de classe, raça, cor ou credo, é invenção do ser humano; o lazer é invenção da sociedade industrial com a conquista de tempo livre do trabalho e o turismo decorre do avanço do próprio capitalismo e do processo civilizatório. Afirmam Aquino e Martins (2007) que o ócio é tão antigo quanto o trabalho. O homem cansado pelo trabalho saía para desopilar, entreter-se, recrear. No entanto, modernamente, ócio é ameaça ao capitalismo, associado à inutilidade e improdutividade, mas contemporaneamente há o esforço de ressignificá-lo.

Mostra o pensador chileno, contemporâneo, Max-Neef (2012), que a sociedade que almeja satisfação das necessidades humanas fundamentais há de transcender a racionalidade convencional, e entender que trabalho não é necessidade, é “satisfator” ou forma de satisfação de necessidade e que são os “satisfatores” que definem o modo de vida da sociedade. Trabalhar é forma de satisfação da necessidade humana para subsistência, que a sociedade capitalista contraditoriamente acaba por levar à alienação, posto que predomine o trabalho voltado à acumulação e exploração da força de trabalho, pelo que uns escravizam outros. Teóricos críticos da modernidade apontam a emergência de caminhos diferenciados aos do lazer mercadoria com o resgate do ócio e do lazer criativo. A idolatria ao trabalho gera a sociedade de consumo, ganância, ambição e segregação e muitos buscam superá-la, em favor do convívio simultâneo entre trabalho, ócio, lazer com privilégio da amizade, partilha e atividades lúdicas em convivência saudável. Muitos fazem do trabalho momento de prazer, alegria, convívio e lazer e são privilegiados, para a maioria, trabalho é fardo pesado.

Durante muito tempo, o ócio foi condenado, pois ao capitalismo interessava não perder tempo, mas trabalhar, comercializar e consumir. Ócio se opõe a trabalho e significa direito à preguiça (LAFARGUE, 1983), ao descanso, diferente de lazer, embora tomados por muitos com o mesmo sentido. “A ociosidade seria a única forma possível de descanso absoluto e de recuperação do tempo espoliado pelo capital” afirma Padilha (2000, p. 59). Para Russel (2002, p. 26), o trabalho não é o objetivo principal da vida humana; se fosse a maioria das pessoas gostaria de trabalhar.

Ócio, lazer e turismo são objeto de estudo de áreas do conhecimento, ontologicamente constituídos de pessoas, lugares, espaços, territórios, paisagens, viagens, deleites e prazeres. O pesquisador o analisa sob prisma diferenciado, pois para alguns interessa a produção e consumo ou oferta e demanda, para outros, os comportamentos e relações entre residentes e visitantes, lazeres, eventos, viagens, imagens produzidas sobre lugares, patrimônios naturais e culturais. Muitos objetivam subsidiar empreendimentos privados, macroempreendimentos, ou empresas de lazer em pequena escala. Há grupos que se interessam pela definição de incentivos

governamentais, planejamento, políticas, programas e projetos de lazer e turismo; outros, pelos impactos socioambientais, para orientar o *marketing* de espaços de lazer e de destinos turísticos, empreendimentos de férias e segundas residências. Vastas as possibilidades de investigações que ócio, lazer e turismo proporcionam.

Lazer, expressão e manifestação da sociedade contemporânea, em forma de turismo, esporte, arte, dança, folclore, festa e *show*, ocupa cada vez mais centralidade no mundo contemporâneo, contrapondo-se ao que movimenta a sociedade industrial - o trabalho. Mudanças de visões de mundo e de trabalho impõem transformações à sociedade e ao capitalismo, que se torna parasitário ao tempo de fazer surgir contrapontos e esperanças de variações (BAUMAN, 2010) no trabalho, lazer e turismo. Lazer e turismo pasteurizado da sociedade industrial, transformados em mercadorias, convivem com formas diferenciadas de ócio ou uso do tempo para entrega a si mesmo, recreação, sonho, criação de novas formas de realizar lazer e turismo. O “devaneio e a expectativa, ambos disfarçados, são processos para o consumismo moderno” (URRY, 1996, p. 29).

O texto apresenta reflexões sobre transformações por que passa o trabalho, a vida humana, em especial, o lazer fugindo dos ditames da sociedade industrial que sintetiza ações humanas em puro consumo. Mostra razões por que o lazer passa a centralidade na sociedade pós-moderna e flexível. A pós-modernidade muda expectativas da vida e formas de encará-la, e, conforme Bauman (2004), destrói a solidez pautada na lógica racional. Assim, trabalho e relações de troca que transformam tudo em mercadoria encontram, no ócio, lazer e turismo formas alternativas. A sociedade pós-moderna, flexível, parece estar em desalinho com o capital e com a economia hegemônica. Na sociedade de consumo, ócio, lazer e turismo significam práticas sociais cada vez mais estereotipadas, sedutoras e ambíguas que exercem crescente influência sobre o conjunto de atividades da vida cotidiana. Necessidades e desejos humanos, entre os quais ócio e lazer metamorfoseados em consumo, geram inquietações para os que buscam mudanças sociais. A sociedade industrial, ao negar ócio associando-o à preguiça, improdutividade e inutilidade ao modelo de desenvolvimento econômico, prioriza o capital, mas, ao dar sinais de crise, aponta para perspectivas de reconstrução de valores e ações associativas, de comunidades solidárias, valorização da cultura local, do lazer como vetor do desenvolvimento na escala humana. E assim fazem contrapontos lazer e turismo convencional, hegemônico, com o alternativo e contra hegemônico.

O lazer e turismo humanizado em Milton Santos

Muitas são as considerações sobre lazer assim como os estudiosos do tema. O geógrafo Milton Santos embora tenha escrito pouco sobre lazer e turismo, apresenta reflexões que merecem consideração dos que se dedicam ao estudo. Santos (2000) afirma que a palavra lazer assim como o fenômeno suscitam questões no mundo de

significações embaralhadas porque “lazer é distrair-se e ser distraído” (SANTOS, 2000, p. 31). O autor refere-se ao ócio, pois distrai de forma livre e independente, libertário, momento íntimo da pessoa, enquanto o ser distraído remete ao lazer e ao turismo imposto pela sociedade de consumo que faz das ações produto turístico vendido como mercadoria. O que ocorre quando se vai ao cinema, teatro e show quando artistas distraem a plateia.

Diz o geógrafo Santos (2000, p. 31): “preocupa-nos o papel que poderá ter o lazer em uma civilização mais humana”. Ou seja, Milton Santos deseja uma sociedade humanizada, que tira o foco do trabalho e se preocupa com a recuperação do gosto pela estética, arte, dança e lazer. Critica o trabalho exaustivo e exacerbado. Na sociedade pós-industrial, não interessa apenas a produção de bens em larga escala, mas a de bens imateriais, ou seja, produção de serviços, informações, estética, símbolos, valores com reorientação do tempo de ócio e lazer das pessoas, quando o trabalho se confunde com tempo livre, lúdico, lazer e prazer. A sociedade flexível aproxima o trabalho do entretenimento, com o surgimento de borbulhas de ócio, em ambientes de trabalho com o uso do *wi fi*, *facebook*, *youtube*, *twitter* e redes sociais.

Santos (2000) analisa a relação de lazer com a natureza e técnicas. Mostra o lazer tradicional subordinado a ritos da natureza com uso de técnicas locais e territoriais, enquanto o moderno afasta-se da natureza e adota técnicas exógenas, brinca-se em máquinas e com máquinas de riscos. O lazer antigo liga pessoas à natureza e o moderno age a serviço do mercado, sem o obrigatório respeito pela natureza e pela vida. Vai-se do lazer artesanal, localizado, ao lazer industrial, massificado, automatizado que leva ao consumo, daí a necessidade de retorno ao lazer humanizado, desinteressado e educativo. Nega-se o lazer alienado, possessivo, e valoriza o ligado às raízes do ser humano: introspecção, contemplação, amor, amizade, convivência e crescimento. Daí dizer Santos (2000, p. 32) que:

Ocorre automatização do lazer moderno, nas suas formas e manifestações mais salientes: os turismos todos, as competições esportivas todas, as manifestações artísticas todas. Automatização que fez do lazer uma indústria, uma operação onde diversas peças formas sistema, seja ele o turismo ou o esporte ou qualquer sorte de divertimento.

Embora a sociedade industrial tente transformar lazer e turismo em indústria, são serviços prestados de pessoa a pessoa, o que requer contato humano entre prestador de serviço com receptor. São elementos da modernização contemporânea, da acumulação de capital, reestruturação de espaços, revalorização de litorais, dinâmica da mundialização do capital, do modo de vida capitalista, em correlação com o trabalho e contradições da sociedade de consumo. Santos (2000, p 32) explica que faz parte desse contexto “a produção de eventos, de atores em cena com difusão massificada convocando ao consumo”. Como se o lazer agisse sobre as pessoas e não o contrário,

“tentando plasmar o gosto, apropriar-se do tempo livre, conformar expectativas, impor a imagem do mundo e da sociedade na indução do consumo”.

Crises do modelo hegemônico fizeram o século XXI cheio de promessas, afirma Santos (2000, p 33), inclusive a de realização “do sonho secular da espécie humana, ou a formação da humanidade com capacidade de entender além das fronteiras e de enriquecer-se pelo intercâmbio”. Constata o mestre que os avanços das mudanças tecnológicas, econômicas, são fabulosos, mas as de base, essência e de conteúdo são limitadas, e assim a pessoa que busca lazer em viagens, ou seja, o turista e os que buscam lazer local, residentes acabam sendo matéria prima da indústria do lazer, deixando que o tempo livre seja manipulado. Mostra o pensador Santos (2000 p. 34) que nesse turbilhão:

Há de forma paralela um lazer popular, rebelde às estatísticas, produzindo de baixo para cima, formas ingênuas de distração coletiva, provindas do exercício banal da existência, criadas na emoção e geradoras de solidariedade e de trabalho.

O lazer moderno perde funcionalidade social, espontaneidade, diminuem as formas puras e se intensificam as estilizadas, industrializadas e mercadológicas. A indústria do lazer concorre e faz subsumir autênticas festas de ruas, rodas de prosistas, lazer em calçadas, cirandas, conversas informais com vizinhos e amigos, entrudos, cavalhadas, entre os lazeres populares. Não pode ser oposição ao trabalho justo que passa a ser empreendimento rentável, negócio lucrativo que mobiliza instituições, equipamentos, produtos e ocupações no entorno, assim como rede de hotéis e *resorts*, clubes, agências de viagens, excursões, pacotes, parques de diversões, academias. Vincula-se ao modo de vida que a modernidade exige com sua dinâmica, sem restringir-se apenas à reposição das forças despendidas em jornadas de trabalho. Não se pode negar, contudo, o lazer como ferramenta de convívio humano, do encontro, da amizade, responsável pela canalização de potenciais humanos. Meister (2005, p. 15) relaciona lazer com prazer de viver:

Toda atividade de lazer é atividade de prazer, deve ser prazerosa, uma realidade de valores. Tanto o lazer como o prazer são atividades valiosas. Realizamo-las porque estão dentro de nossas expectativas de realização de vida.

A vida moderna acaba por alienar, “como se a alienação fosse uma condição humana. A alienação dos hábitos, a alienação sexual, a alienação do tempo livre, alienação dos meios de comunicação e consumo” (WAICHMAN, 1997, p. 22). Acrescenta-se a alienação do lazer e do turismo. Para muitos, o lazer se reduz ao consumo de mercadorias, de prazer, objetos culturais e turísticos. Rolnik (2000, p.179), refletindo sobre a dificuldade de separação entre trabalho e lazer, acrescenta:

A concepção do lazer é contraditória pelo estilo de vida de nossa época em que prevalece, além de uma espécie de hedonismo de massa, a necessidade de conquistar o lazer a qualquer custo, da luta por um corpo feliz e saudável que requer empenho e esforço tão intensos quanto o trabalho. A ideia da malhação, de ficar o tempo todo em movimento para estar energizado e feliz, na verdade, comporta a noção de trabalho e de produção muito intensa. Não é possível, imaginar o lazer como uma vivência simples, algo oposto ao trabalho (...).

Santos (2000) recomenda que não se pensem lazer e turismo como fenômenos isolados, como atividade econômica apenas, mas como plenitude da existência humana e que se encontrem formas mais generosas de lazer e turismo, que incluam humanidade; é esquecer a balança de pagamentos e lembrar o processo civilizatório, porque o lazer e o turismo podem contribuir para uma civilização mais humana; fazer do lazer e do turismo política, não apenas de empresas, mas criadora de riqueza e emprego, sobretudo, de visão do mundo.

O lazer e o turismo cada vez mais deixam de ser pensados como privilégio de poucos, passam a direitos de todos, como forma cultural de expressão da contemporaneidade. Oportunidade para descontração, esparecimento, descanso, diversão e desenvolvimento da pessoa que tira o trabalho do centro da vida, buscando no lazer gratuidade e encontro, harmonia com a natureza e com as pessoas, fortalecendo amizades.

Eixos do turismo: convencional hegemônico e alternativo contra-hegemônico

O turismo enquadra-se no setor terciário, com serviços modernos e representa forma de reestruturação da crise industrial. Serviços são atividades funcionais às produções industriais e servem de suporte, ao progressivo crescimento das relações industriais, comerciais e financeiras dos diversos mercados nacionais e internacionais. O turismo é serviço especial que ajuda na recuperação da força de trabalho humana. Organizado em dois eixos: convencional hegemônico e alternativo contra-hegemônico. É atividade-chave da modernização contemporânea que privilegia relações sociais, típicas da sociedade de consumo, ao transformar o lazer em mercadoria a ser consumida em viagens realizadas por quaisquer motivos, pressupondo consumo. Há turistas que viajam de férias para lazer - turistas por excelência. Há pessoas que viajam para trabalho e acabam por fazer turismo em horas livres. Turismo é o lazer dos que viajam. Não é apenas atividade econômica, é política setorial vinculada à macroeconômica. Gestado como política desenvolve-se mais facilmente, deixando de ser apenas esforço de um ou outro empreendedor.

O turismo é também fenômeno estudado cientificamente. Assim como espaço, cidade, classes sociais, indústria, natureza, agricultura, favela, pobreza, comércio e mobilidade, entre outros, o turismo é objeto empírico estudado por pesquisadores que produzem teorias e conceitos científicos, com base em empirias. Teoriza-se sobre quaisquer realidades. Quando o conjunto de teorias explicativas convence e passa a ser utilizado para explicação uma determinada realidade, tem-se o corpo teórico metodológico capaz de dar rigor científico aos fenômenos estudados, o que aconteceu com empíricos citados acontece também com o turismo.

A Organização Mundial de Turismo e órgãos de turismo não produzem conceitos, apenas adotam-nos de algum cientista e passam a ser padrão. O que as instituições e órgãos fazem é normatizar a atividade. O turismo estudado como fenômeno é de diferentes abordagens, e, em qualquer uma, faz-se necessário destacar o papel do espaço na reestruturação do sistema econômico e do próprio território. Diz Fuster (1979, p. 31) que turismo é “uma viagem ou conjunto de viagens cujo objetivo é o prazer, por motivos comerciais, profissionais ou outros análogos, durante os quais a ausência da residência habitual é temporária”. O conceito destaca um dos aspectos definidores do turismo, o prazer da viagem, remetendo ao cerne do turismo, porquanto, se não houver viagem, lazer e entretenimento, prazer e satisfação, não há turismo. O turismo exige viajar cujos motivos são os mais variados, no entanto, para haver turismo há de existir lazer e entretenimento, viagem e lazer são a própria essência. O turismo, contudo, é uma abstração, o que existe são os lugares e o têm transformados em atrativos turísticos naturais e culturais a serem usufruídos pelas pessoas viajantes.

Fazer turismo é conhecer lugares, pessoas, paisagens e manter relações. É momento especial do contato cultural entre visitantes e residentes, além de oportunidade de entretenimento. Lugares visitados são núcleos receptores de turismo, para os quais convergem as atividades da cadeia produtiva do turismo, cabendo ao lugar o poder de polarizar a oferta turística, constituída de atrativos naturais e culturais, serviços turísticos e infra-estrutura de apoio. A infra-estrutura urbana e social dirige-se essencialmente ao residente, por oferecer o que se faz necessário para conforto e bem-estar dos residentes. Dessa maneira, oferecem-se apoio e condições de receptividade.

Turismo é fenômeno que remete a trabalho e lazer, para se fazer lazer, há variadas equipes em trabalho diuturno. Só é possível falar de lazer porque existe trabalho e tempo livre, diferente de ócio que independe: é realizado em qualquer circunstância, por ser necessidade humana. Ao longo da história do homem, trabalho e descanso andam sempre associados. Boullón (1999, p. 13) diz que “o trabalho dominou quase todo o tempo do homem e o descanso tem se reduzido à compensação do esgotamento físico”. Se na sociedade industrial o trabalho constitui centralidade, na dita sociedade flexível, lazer e turismo são também centralidades, levando cientistas a falar de sociedade do ócio, como faz De Masi (2000).

A viagem turística tira a pessoa do cotidiano e possibilita encontro com o novo, o diferente, o desconhecido, satisfação de prazeres, do luxo ao consumo, e a alguma coisa que possa levá-la ao resgate psíquico. No ócio, encontra-se alegria e prazer na vida, no convívio com os pares. Turismo é um tipo de lazer sofisticado que exige deslocamento e prazer. O prazer não é materialista, situa-se na imaginação. “A realidade jamais propicia os prazeres aperfeiçoados com que o indivíduo se depara nos devaneios” (URRY, 1996, p.30). Para muitos, o bom é a preparação da viagem, a espera. O prazer da viagem ajuda a encontrar significados para a própria vida, e assim o turismo tem a virtude de atingir a pessoa, e humanizá-lo. “O prazer de viajar nasce da expectativa, da procura do prazer que se situa na imaginação e não no real” (URRY, 1996, p. 29). Eis por que, à medida que se realiza um sonho ou se decepciona com ele, logo se projetam outros. “Os cartões postais, fotos, camisetas, emblemas, moda local, arte nativa, vídeos tornam-se redutos da memória” (WAINBERG, 2003, p.16) e constataam desejos buscados e consumidos que comprovam a felicidade encontrada, “encantamento cognitivo emocional e encantamento de largo espectro” (WAINBERG, 2003, p. 54). Muitos se referem ao turismo como a arte de promover satisfação, encantamento e é isso o que o turismo proporciona. Viajar encanta.

O tempo sem trabalho ocupa posição central na vida humana (DE MASI, 2001), especialmente de grande parte da população brasileira. O tempo das pessoas sem emprego ou que perderam, não pode ser direcionado para o turismo, porque o lazer exige consumo ou gastos. O tempo remunerado pode ser convertido em tempo de turismo. Daí por que desempregados, desocupados – não remunerados não fazem turismo, apenas lazer. Entende-se tempo livre, o vinculado ao trabalho, se não houver trabalho, o tempo não é livre, mas sempre desocupado.

Os tempos mudam, com as transformações dos lugares, costumes e concepções. “Por tempo vamos entender, em linhas gerais, transcurso, sucessão de eventos com todas as suas tramas”, lembra Santos (1998, p. 41). Os tempos mudam fazendo que uns deixem de ser dominantes, cedendo lugar a outros. A isso Sue denomina de *Lei de Sucessão dos Tempos Dominantes*, comenta Padilha (2000, p. 49), ao mostrar a transformação dos tempos dominantes na sociedade. No tempo hegemônico da sociedade industrial, o livre vincula-se ao trabalho, enquanto que, para o tempo da chamada sociedade do trabalho flexível, o tempo livre progressivamente torna-se autônomo, consequentemente o lazer passa a ser dominante promovendo nova centralidade.

Entende-se política de turismo parte da política econômica global, e assim é ingenuidade esperar soluções para as periferias e aos problemas sociais de política, vinculadas a princípios do mercado. No entanto, junto ao desenvolvimento do turismo convencional de *resorts*, da rede hoteleira e da concentração de renda, existe o turismo alternativo, com experiências bem-sucedidas de atividades turísticas com produções populares, voltadas ao desenvolvimento social, com maior distribuição de riqueza.

Aparecem, com nomes variados, turismo comunitário, solidário, de base local, de economia solidária, turismo alternativo entre outros. Importante, nessas experiências, é vislumbrar maiores possibilidades de comunicação e inclusão de comunidades nas práticas positivas que o turismo também dinamiza no eixo contra-hegemônico. Exemplos se multiplicam no contexto de mercado global, tendo em vista maior participação de lideranças em “nichos” que favorecem também o pequeno e microempreendedores, na cadeia produtiva do turismo. Sendo assim, torna-se necessário descobrir mecanismos para que, em diferentes lugares, pessoas encontrem, via turismo, novas oportunidades de inclusão social. Seja como possibilidade de organização de pequenos empreendimentos e arranjos produtivos locais; seja como atividade remunerada regularmente, garantindo renda familiar e minimizando o impacto do desemprego, que continua a atingir parte da população residente, nos diferentes lugares turísticos.

Inserido no modo de produção capitalista, o turismo é atividade capaz de gerar, reproduzir e acumular riquezas, na lógica do capital. Assim, a garantia de benefícios proporcionados pela atividade é restrita a pequena parcela da população, enquanto muitos são excluídos do acesso: é a lógica. Em virtude da supressão majoritária, grupos organizados lutam por novas formas de trabalho e produção justa e humanitária, capazes de promover resultados, benéficos aos residentes de áreas receptoras.

Em todo o Brasil, especialmente no Norte e Nordeste, destacam-se políticas facilitadoras de alocação de equipamentos do turismo de megaempreendimentos, sobretudo nas metrópoles e no litoral. Os estados conseguem atrair hotéis de redes nacionais e internacionais, *resorts*, macroempreendimentos externos, admitindo que o processo contribua para diminuição da distância entre áreas ricas e pobres, ou seja, diminuição da pobreza. Os críticos têm questionado se o caminho leva à redução de disparidades espaciais e desigualdades sociais, considerando que o estado pode e deve cobrar de empreendimentos parcerias e benefícios para lugares das empresas implantadas. Cobrar responsabilidade social e ambiental dos macroempreendimentos, de modo a contribuir com o desenvolvimento dos núcleos receptores. É possível o Estado fazer cobranças da responsabilidade ao setor privado, no entanto quem vem fazendo são comunidades atingidas pelos empreendimentos com poucos, mas bons resultados.

Há dois movimentos do turismo alternativo comunitário: um de residentes e outro, de turistas. O primeiro envolve comunidades e pessoas excluídas do turismo convencional dos circuitos globais que buscam formas de inserção na produção de serviços alternativos: pequenas pousadas, pequenos e micronegócios, voltando-os à valorização da cultura e valores locais, pressionando a entrada na cadeia produtiva do turismo, pelo “circuito inferior da economia” (SANTOS, 1979), o que tem feito surgir crescente número de propostas do turismo alternativo: em bairros populares, morros, favelas, comunidades indígenas, quilombolas, marisqueiras, pesqueiras, camponesas, ribeirinhas.

No comunitário, os turistas são estimulados à participação de atividades, envolvendo-se com o que acontece no local, com os fazeres domésticos em áreas rurais, litorâneas, serranas ou urbanas periféricas. As atividades locais não são estilizadas em função do turismo. O centro de interesse das ações é da própria comunidade o que atrai o turista. Por exemplo, festas juninas no Nordeste e o folclore sistemático, fazem parte da cultura local e ajudam a atrair turistas envolvidos com pessoas e eventos, a exemplo de festas brasileiras. Neste eixo do turismo, o compartilhamento das atividades é desejado pelos residentes e a participação de visitantes é bem-vinda. O residente sente a cultura valorizada pelo turista que interage sem discriminações, diferente de eventos feitos especialmente para turistas excluindo residentes. Lembra Brambatti (2006), que os eventos fazem parte das tradições e do folclore, potencializado para o turismo, transformando-se em atrativo turístico.

O segundo movimento parte de turistas conscientes que buscam conhecer culturas, modo de vida de comunidades tradicionais, buscam vivências, podendo-se dizer que há fluxos de turistas que desejam conhecer lugares menos urbanizados e fazer turismo diferenciado. Consultando sites de turismo comunitário que mostra os fluxos em todos os continentes, compreende-se a importância do eixo, mesmo que as políticas públicas o desconheçam ou o desprestigiem, por não gerar divisas esperadas. Diz-se que há turista para todos os gostos e motivações.

Residentes de áreas não contempladas pelo turismo convencional organizam-se em movimentos de resistências ao turismo elitista, buscando formas de produção do turismo alternativo que ofereça oportunidades de trabalho em bairros, periferias e comunidades. Experiências positivas emergem nos estados, destacando-se no Ceará, o que exige que universidades pesquisem, sobretudo, contribuam com o fortalecimento das atividades vinculadas ao turismo, com responsabilidade social, turismo comunitário, enfim, turismo de grupos majoritários, com poucas condições econômicas, que procuram soluções alternativas e condizentes com os princípios básicos do desenvolvimento participativo e na escala humana. Assim, comunidades inserem-se na atividade turística pela instalação de micro ou pequenas empresas associadas, instituições de tecnologias, universidades, agências governamentais e não governamentais, públicas e privadas, agentes financeiros de crédito, bancos.

O eixo de turismo alternativo resulta de união de esforços na promoção de grupos organizados de forma associativa acreditando que a “união faz a força”, que, juntos, potencializam ideias, iniciativas e empreendimentos. Isolados, não têm capacidade de disputar fatias de mercado com produto turístico. Organizam-se, em arranjos produtivos locais de forma diferenciada do modelo industrial, consumista. O traço marcante do eixo é o protagonismo de sujeitos sociais que se envolvem com problemas locais, embora lentamente em temáticas universais, de interesse comum da humanidade, questões planetárias e ambientais, sustentabilidade, defesa da vida. Comunidades envolvidas com o turismo utilizam experiências de participação associativa, cooperativismo, militância

partidária, associação de bairro, comunidade eclesial de base que lutam por cidadania e democracia. Afirma Brambatti (2006) que numerosas associações estão constituídas, e algumas pensam e agem politicamente, em dinâmicas reconhecidas e apreendidas, intervindo principalmente em lugares aonde macropolíticas não chegam. Trata-se de fenômeno novo em turismo, iniciado na década de 1980, na Europa, e na década de 1990, no Brasil. O associativismo em turismo na Europa (*Accueil Paisan* – França, com sede em Grenoble e os *Pró-Locos e associazione di Agriturismo* – Itália) reproduz-se inicialmente no sul do Brasil, seguindo paradigmas. Em Santa Catarina, o turismo segue o lema de organizações francesas de acolhida camponesa, enquanto que, no Rio Grande do Sul, a organização em turismo no meio rural segue o modelo italiano e no resto do País o modelo foi se adequando às realidades locais.

Pousadas domiciliares, comida caseira, aconchego e convívio com residentes. Roteiros prezam a valorização da cultura e sustentabilidade da natureza e a cultura local. Renda repartida e ampliação da moeda circulando em pequenos lugares visitados pelos turistas levam à satisfação de residentes anfitriões, assim como de turistas bem recebidos, indicadores do turismo comunitário. Assim, o turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam-se para promovê-lo, não sendo apenas atores participativos, mas sujeitos, assim, gestores do micro negócio. Um turismo que complementa as demais atividades em especial a pesca e a agricultura familiar, quando as comunidades lutam pelo controle efetivo das terras litorâneas que ocupam, pelo desenvolvimento à escala humana. Nele, o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes, de pescadores, ribeirinhos, pantaneiros ou indígenas. Uma das primeiras ações que as comunidades realizam é a elaboração de pacto interno, entre os próprios residentes, em defesa de propriedades de terras, para não as vender, nem se deixar expropriar.

Ponto crucial resultante do avanço do turismo convencional no litoral é a decadência de atividades econômicas tradicionais, pesca, renda, labirinto pela substituição de atividades ligadas a hotéis, pousadas, restaurantes e bares. Comunidades litorâneas, que sempre viveram da pesca, agricultura de subsistência, artesanato, acabam abandonando trabalhos tradicionais, pela concorrência da pesca industrial, e pela perda de terras e expulsão de pescadores e famílias da orla marítima. A arbitrariedade realiza-se pelas atividades imobiliárias especulativas, ligadas ao lazer e turismo, para alocação de empreendimentos hoteleiros, *resorts*, parques aquáticos, restaurantes, lojas, entre empreendimentos. Ocorre, assim, desestruturação de economias primárias, aliada ao processo de mudança, no uso e ocupação de orlas marítimas, espaços especiais à beira-mar.

No turismo comunitário, os residentes têm o controle produtivo da atividade, desde o planejamento até o desenvolvimento e gestão dos arranjos produtivos. Assim, conseguem melhorar economias, oportunidades, e se preocupam com o envolvimento participativo, não de forma individualista, daí o avanço para as gestões integradas dos

arranjos produtivos que passam a ser comunitários, e facilitam enfrentamentos. Realizam projetos que garantem melhoria das condições de vida, além de condições para recebimento de visitantes e turistas de forma digna. No turismo convencional, residentes envolvidos com a atividade nem sempre melhoram as condições de trabalho, continuam residindo em áreas desestruturadas, em condições precárias de residências e na comunidade. Muitos trabalham exaustivamente, inclusive jovens, havendo casos de exploração sexual de menores. É assim que o turismo acontece na periferia do capitalismo, com crescentes níveis de exploração humana e de segregação espacial. Castells (1999, p. 182) mostra, em relação ao turismo internacional, que a exploração atinge, muitas vezes, as próprias crianças.

A globalização das atividades econômicas oferece oportunidade de ganhos substanciais, ao se empregarem crianças, obtidos pelas diferenças entre o custo da mão de obra infantil, nos países em desenvolvimento e o preço dos bens e serviços cobrados nos mercados mais abastados. Esse é, claramente, o caso do turismo internacional. Os serviços de luxo dos quais os turistas de uma renda média podem usufruir em muitos “paraísos tropicais” dependem, em grande medida, da superexploração da mão de obra local, inclusive de número significativo de crianças.

Em núcleos receptores de turismo convencional, crianças trabalham vendendo suvenires, como guias e em restaurantes. Basta visitar o Pelourinho em Salvador, Olinda em Pernambuco e praias do Ceará para constatação de arbitrariedades. No turismo comunitário, o interesse volta-se para o trabalho de adultos, na melhora da renda das famílias, e crianças são preservadas da antecipação do trabalho. As práticas turísticas comunitárias das comunidades são associadas às demais atividades econômicas com iniciativas que fortalecem agricultura, pesca e artesanato, tornando as atividades preexistentes ao turismo sustentáveis. Prioriza-se a geração de trabalho para residentes, com pequenos empreendimentos locais, dinamização do capital local, garantia da participação de todos, dando espaço também a mulheres e jovens. Assegura-se a participação de pessoas das comunidades com o planejamento descentralizado e associativo, luta pela regulamentação fundiária de terras litorâneas, terras de marinha, garantia da posse da terra de populações indígenas, pesqueiras. Buscam a regulamentação de unidades de conservação, assim como organizam comitês para cuidar da gestão ambiental, com planos de manejos e de conservação compatíveis com o turismo.

Em meio ao mundo urbanizado, metropolitano, sobrevivem comunidades de culturas tradicionais. Sabe-se que, no mundo antigo, viviam organizações primitivas ou formações de pequenos grupos sociais com estreitos laços de dependência e amizade, chamados comunidades, forma de enfrentamento às duras condições de vida. A vida em comunidade contribuía para o indivíduo encontrar respostas necessárias aos problemas individuais e coletivos, com a ajuda do grupo. Com o desenvolvimento da vida moderna e com o aumento da população, perde-se a noção de comunidade e assume-se a de

sociedade, forma de organização social, pautada no Estado, instituições, controle social, individualismo, com domínio de tecnologias, normas e cultura de massa.

No mundo moderno, a instalação da sociedade industrial causa impactos ao modo de vida rural e solidário. Diz Bauman (2003, p. 33) que “o capitalismo moderno, na expressão de Marx e Engels, ‘derrete todos os sólidos’, e as comunidades autossustentadas e autorreprodutivas figuram em lugar de destaque no rol dos sólidos liquefeitos”. Assim, comunidade vem da palavra comum e significa que terra e recursos dos lugares são usufruídos por todos, de acordo com as necessidades. No convívio comunitário primitivo, tudo era comum a todos, não existia propriedade privada, a apropriação era para suprir necessidades e todos assumiam responsabilidades. Na organização societária, mesmo perseguindo o objetivo de que as pessoas são iguais e livres, ocorrem diferentes formas de entendê-la e praticá-la. Produz-se sociedade que se volta à acumulação e o consumismo não atende às necessidades de todos, vivendo em aglomerado de pessoas, modelo questionado por muitos. No contraponto, pequenos lugares, de baixa densidade populacional, resistindo às mudanças, voltam à ideia de comunidade. Subjacente ao conceito de comunidade está o de lugar que permite proximidade geográfica, com interesses comuns. Diz Max-Neef (2012, p.13) que:

Da comunidade como elemento dominante, à constituição da sociedade há uma mudança humana da maior transcendência. O estilo econômico dominante, em sua versão neoliberal estimula e fortalece não a individualidade, mas o individualismo, e em consequência a destruição da comunidade.

A transformação de comunidade para sociedade provoca mudanças no homem que desaprende ser solidário e fraterno. Têm-se apenas conhecidos, parceiros, concorrentes e competidores. A vida em sociedade elege valores, guia-se pelos princípios capitalistas e burgueses. Assim, falar de comunidade na modernidade significa estar à contramão do modelo da sociedade posta: individualista, segregada, injusta, centrada em valores do capital e consumismo.

Quanto à emergência de comunidades, há que explicar as circunstâncias que fizeram ressurgir comunidades de forma contundente no mundo globalizado. Pensar comunidade significa, para alguns, retrocesso, para outros, busca de novos caminhos. Os processos de ocupação humana ocorrem por continuidade e descontinuidade, assim, comunidade na sociedade moderna significa crítica ao modo de vida que produz profundas desigualdades sociais, colocando liberdade e igualdade em plano metafísico.

Na sociedade pós-moderna, comunidade expressa organização coletiva de reivindicações, na busca de melhores condições de vida, de luta pela sociedade pautada na justiça e na igualdade de direitos. A vida em comunidade exige igualdade para que a liberdade se realize. Embora o conceito de comunidade tenha sido cooptado com significados, e se fale delas com os mais variados interesses, ainda se encontram autênticas comunidades. Mostra Tönnies (1963 *apud* Bauman, 2003, p. 15) que a

distinção entre comunidade antiga e moderna sociedade é que, na primeira, existe entendimento compartilhado de todos os membros, “não um consenso, pois este é produto de negociações, disputa, contrariedade e murros ocasionais”. O entendimento comunitário não precisa ser procurado e muito menos construído, pois já está lá, para ser usado, assim, os membros da comunidade se entendem muito bem, entendimento que “precede todos os acordos e desacordos”. Certamente as comunidades do século XXI não conservam originalidade, mas são indícios de busca de mudança dos padrões da sociedade desumana, desigual, que se produziram. A análise de Bauman remete à preocupação com liberdade e segurança e se expressa assim:

No entanto, em troca da segurança prometida, a vida em comunidade parece nos privar da liberdade, do direito de sermos nós mesmos. Segurança e liberdade são dois valores igualmente preciosos, que podem ser equilibrados, mas é pouco provável que sejam plenamente conciliados. A tensão entre eles - e entre comunidade e individualidade - dificilmente será desfeita. (BAUMAN, 2003, p.24).

Atente-se para o fato de que conceitos são cooptados para interesses da classe dominante, assim, aparentemente fica como se toda comunidade fosse igual. Justificando o objetivo de organizações comunitárias reivindicarem, Picard (1993, p. 14), referindo-se às comunidades na Alemanha, afirma que:

O objetivo perseguido pela comunidade – assegurar sua propriedade, sua liberdade e sua defesa – entra frequentemente em concorrência com o desenvolvimento do Estado-Nação. Se este Estado é estável e suas instituições legítimas, ele está à altura de negociar com as comunidades insatisfeitas e de converter em interesses políticos as reivindicações. Se o Estado é autoritário, reage pela repressão ao que considera como uma insubmissão ou uma ameaça. Se for fraco, afunda-se na tormenta de rivalidades entre as comunidades que os pressionam.

Na sociedade capitalista, o Estado que para Bobbio (2001, p.78), é “a *machina machinarum*: o Estado como máquina, maior engenho construído pelo homem com as próprias mãos para escapar da incerteza do estado natural”, assim age por coerção, enquanto representante de interesses sociais, deliberando e normatizando o uso e ocupação do espaço, não é insuficiente.

O pensador chileno Max-Neef (2012) afirma que comunidade é uma rede de relações que tem um profundo significado entre os que a compõem, embora, na sociedade, existam relações sociais, excessivamente difusas e aceleradas. Na sociedade, a variedade de redes de comunidades é elemento fundamental à sua vitalidade e diversidade. Na sociedade moderna, predomina modo de vida que tira as pessoas de foco e põe no lugar, o capital que padroniza, privatiza, destrói valores e diversidades culturais para supostas vantagens da economia. E grupo social, residente em pequeno lugar, com integração de pessoas entre si, com o espaço, com identidade muito forte a que tantos habitantes como lugares são identificados como comunidades.

Pequeno grupo de pessoas com modo próprio de ser e sentir, com tradições religiosas, artísticas, passado histórico, costumes típicos, “estilo” de vida familiar e social, atividades produtivas, problemas e necessidade, aspirações; tendo consciência da vida comum. As pessoas tornam-se membros de comunidade não porque nela vivem, mas porque participam da vida comum do lugar, integrando o conjunto de elementos materiais, históricos, institucionais, psicológicos, afetivos que fazem a vida comunitária. Contudo a solidariedade é o elemento principal da comunidade e nisso está a grande diferença da sociedade moderna, que prima pelo não reconhecimento e envolvimento com os problemas uns dos outros.

Comunidade e lugar têm o mesmo significado. Lugar é um conceito geográfico e comunidade, antropológico. Para Santos (2000, p.314), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Nele se vive, e são todos diferentes por possuírem espaço, história, gente e cultura diferenciados. Compreender elementos que singularizam lugares, e, ao mesmo tempo, os elementos que o aproximam dos demais significa encontrar significados e possibilidades. Bauman (2003) admite as dificuldades da vida em comunidade, contemporaneamente, dados os avanços da sociedade moderna, mas afirma que é o caminho a se reencontrar. Certamente as comunidades atuais diferem das antigas, as circunstâncias mudaram brutalmente, daí Bauman (2003, p. 9) falar de comunidade como paraíso perdido ou a ser encontrado.

Comunidade é uma das palavras que transmitem sensação boa: é bom “pertencer a uma comunidade”, “estar em comunidade”. Associamos a ela imagens de um lugar aconchegante, onde podemos nos refugiar das ameaças que nos espreitam “lá fora”, e de um mundo no qual gostaríamos de viver, mas que infelizmente, não existe. Em outras palavras, “comunidade” é hoje um novo nome para o paraíso perdido - mas um paraíso que ainda procuramos, e que esperamos encontrar.

O autor admite “haver tensão entre comunidade e individualidade”. O fato de em comunidade se priorizar grupo, nosso, coletivo, entendimento compartilhado, natural e tácito leva a acreditar-se que ela tira a liberdade individual, e, assim, “quando a comunidade entra em colapso a identidade é inventada” (YOUNG,1999; HOBBSAWM,1995; BAUMAN, 2003, p. 32).

Individualidade é diferente de individualismo. Este é atitude egocêntrica, personalista, aquela, a essência de cada um. Não se anula a individualidade humana, nem em comunidade ela precisa ser negada. Na vivência comunitária é combatido o individualismo. Os membros da comunidade entendem que a felicidade do indivíduo depende da felicidade dos outros, a própria individualidade é pensada coletivamente. O sentimento negado, na vida societária, é às vezes, confundido com perda de liberdade, pois a sociedade moderna leva a maioria delas ao isolamento a não quererem ser incomodadas. Poucas sentem prazer em ajudar a se envolver, em busca de soluções de problemas alheios. A existência societária exige a negação de comunidade, pois admite que tire liberdade, que pensar coletivamente significa negar a liberdade do indivíduo, e,

assim, em sociedade, vale o individualismo. A modernidade, que aproxima lugares, distancia as relações humanas, leva alguns a viverem mais o mundo virtual do que o real, a carregarem *pen drives*, *MP3/4 players*, *notes*, ocupados com computadores reduzindo contatos pessoais que passam a ser virtuais e em ciberespaços, levando Bauman (2003, p. 18) a afirmar que:

O golpe mortal na “naturalidade” do entendimento comunitário foi desferido pelo advento da informática: a emancipação do fluxo de informação proveniente do transporte dos corpos. A partir do momento em que a informação passa a viajar independentemente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte (...) a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não, pode mais ser estabelecida e muito menos mantida.

Primeiro, a comunidade transforma-se em algo abstrato, paraíso sonhado, fruto da imaginação humana, e “não que se trate de um paraíso que habitemos, e que não está ao nosso alcance”, diz Bauman (2004, p.20). Posteriormente, em meio às contradições e conflitos, comunidades resistem, mantêm-se e emergem como experiências, passam a comunidades históricas de espaços vividos duramente, posto que, em conflitos com ideologias de sociedade burguesa, e servindo de referência e estratégia de mudanças. Afirma Hobsbawm (*apud* BAUMAN, 2003, p. 20) que a palavra comunidade “nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio que nas últimas décadas em que as comunidades, no sentido sociológico, passaram a ser difíceis de encontrar na vida real”. Assim, para muitos, apelar para a comunidade tornou-se modismo, usa-se para definir agrupamentos os mais variados possíveis, com objetivos diversos também, desde profissionais e com vistas ao lucro, afastando-se do significado e conteúdo original. O turismo comunitário remete a lugares e grupos que guardam valores da vida em comum, buscam soluções de problemas de forma coletiva, preocupam-se com a convivência humana mais do que com a acumulação, resistem às mudanças do consumismo, guardam valores tradicionais, e preservam os valores culturais.

Considerações Finais

As considerações apresentam o propósito de fechar o texto, não de concluir o debate e reflexões sobre o tema. Pretende-se ajudar nas análises em relação à sociedade contraditória, pautado na lógica dirigida ao puro consumo. O crescimento de movimentos de baixo para cima, tendo como sujeitos sociais os que acreditam no que ensina Milton Santos (2000a) faz possível outra globalização vinda por atores não hegemônicos. Acredita-se que o lazer e o turismo comunitário que se integram ao convencional contribuem para humanização da sociedade. Espera-se que o lazer seja realizado como necessidade e não como novidade mercadológica.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José C, de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n.2, p. 479-500, set., 2007.

BAUMAN, Zigmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Amor Líquido**. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOBBIO, Norberto. **El futuro de la democracia**. Fondo de Cultura Económica, 2001.

BOULLÓN, Roberto C. **Las Actividades turísticas y recreacionales**: El hombre como protagonista. México: Trilla, 1999.

BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **O associativismo e a participação comunitária em turismo**. Rio Grande do Sul. Texto apresentado no Congresso de Desenvolvimento Regional promovido pela FEEVALE, 11 de novembro de 2006.

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. "A era da informação: economia, sociedade e cultura". São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Tradução Manzi, Lea. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **A Economia do ócio**. Tradução de Costa C. I. W.; Jorgensen, P. J.; Manzi, L. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

FUSTER, Luis Fernández. **Teoria y técnica del turismo**. Madrid: Nacional, 1979.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça**. Lisboa: Editorial Teorema, 1983.

MAX-NEEF. **Desenvolvimento na escala Humana**: concepção, aplicação, reflexos posteriores. Blumenau: Edifurb, 2012. (Coleção Sociedade Ambiente).

MEISTER, José A. Fracalossi. Lazer e prazer é só fazer. In: DORNELES, B.; COSTA, Gilberto Correia. **Lazer, realização do ser humano**. Porto Alegre: Ed. Dora Luzzatto, 2005.

PICARD, E. **Le révil communautaire**. Paris: Currier de L' UNESCO, 1993.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo**: um par imperfeito. Campinas: Editora ALINEA, 2000.

ROLNIK, Raquel. O Lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

RUSSEL, Bertrand. **O Elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de emprego. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo, 2000a.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**. Trad.Charles P. Loomis. Nova York: Harper,1963.

WAICHMAN, Pablo. **Tempo livre e recreação**. Trad. Jorge Peres Gallardo. Campinas: Papirus, 1997.

WAINBERG, Jacques A. **Turismo e comunicação**: a Indústria da diferença. São Paulo: Contexto, 2003.

YOUNG, Jook. **The exclusive society**. Londres: Sage, 1999.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas.** São Paulo: Estúdio Nobel – SESC, 1996.

Endereço para correspondência

Rua Tertuliano Sales 501 - CEP. 60410794 - Fortaleza - CE - Brasil.



Recebido em:
03/07/2014
Aprovado em:
10/07/2014